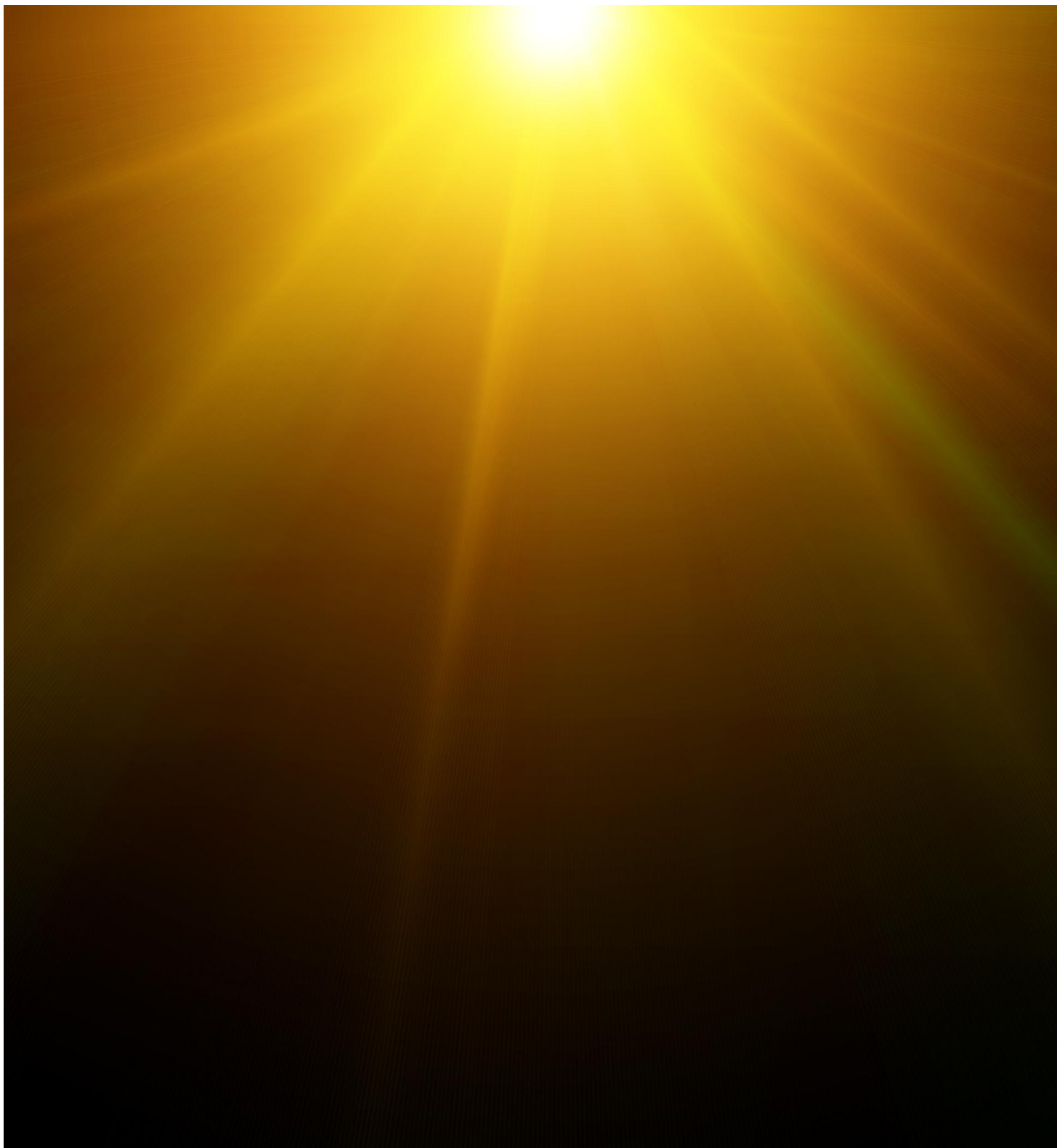


FRATERNIDADE ESPÍRITA CRISTÃ

A LIBERTAÇÃO

ANO XL | N.º 165

JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 2025



PVP 5 EUROS | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS

Índice

03	Editorial
04	Doutrina Espírita Hoje <i>"O Bom Ladrão"</i>
16	Sou médium... <i>...terá influência o Espírito pessoal do médium?"</i>
18	Momentos de Reflexão <i>"Parábola do Bom Samaritano"</i>
22	Clube de Leitura <i>"Transição Planetária"</i>
25	Espaço Jovem
28	Efemérides

Editorial

CARMO ALMEIDA

Que de melhor tempero necessita a alma, que não o da fé?

O tempero da confiança, da certeza nos mecanismos da proteção divina que não deixam ninguém sem assistência, seja nas horas de tomar decisões, seja no momento de perturbação e aflições. A certeza de que trazemos, no imo do ser que somos, a força para, progressivamente, sermos melhores pessoas.

A fé, é a energia moral que nos permite alcançar o objetivo do crescimento interno, dentro da ética e do conhecimento, ou seja o progresso espiritual que todos ambicionamos alcançar e para o qual tanto nos esforçamos.

Como em vários outros momentos, em que se utilizou de situações da vida comum para ensinar e renovar conceitos estabelecidos entre o povo, embora pouco corretos, Jesus utilizou essa bem conhecida semente do povo de Israel, que também a utilizava como exemplo quando se queria referir a algo ou alguém insignificante.

Mas o Mestre apresentou outra versão para essa aparente insignificância, despertando a atenção de todos para o facto de que, apesar de ser mínima, cerca de dois milímetros, essa mesma semente irá produzir um arbusto/árvore de até cinco metros de altura.

Algo muito pequeno pode dar origem a grandeza, a abundância, e nunca pode ser subestimado. Nomeadamente quando se trata do ser humano, das diferenças que nos distinguem, mas que nem por isso dão a alguém o direito de menosprezar, de ridicularizar, de segregar o outro, alguém que se apresente com qualquer tipo de limitação.

Como a mensagem de Jesus é transversal a toda a humanidade terrena, e segue pelos milénios como chama inapagável, podemos sempre voltar a ela para analisar o seu conteúdo e sensibilizar-nos com a delicadeza e a bondade com que a todos nos envolve.

O conceito de fé, da força interior que aumenta em nós tanto quanto cresce a nossa vontade de vencer, já não de acordo com os padrões materiais e sim com aquilo que determinámos ser o nosso objetivo espiritual para esta existência, renova-se pelo conhecimento que a Doutrina Espírita nos dá e que nos ajuda a entender cada vez melhor o pensamento de Jesus.

Então a fé passa a ser mais respeitada, mais bem-amada, integrada e dinamizadora dos projetos de vida transformando-nos em seres melhores, também maiores e geradores de abundância de afetos, dando sentido à vida.

Com a consciência de que se pode e se deve encontrar meios de vencer as dificuldades, acreditando, sem hesitar, que nos é possível ultrapassar as limitações da nossa pequenez evolutiva, rompendo os limites da ignorância pelos trabalhos no campo do conhecimento e pela persistência em manter o comportamento ético, mesmo saindo aparentemente prejudicados, dá-se a renovação espiritual que passa a distinguir-nos.

É o que Jesus nos ensina. E é Ele também quem continuamente nos ensina que há Deus, o Pai, o Bom Senhor cuja constante assistência nunca se desliga da Sua criação!

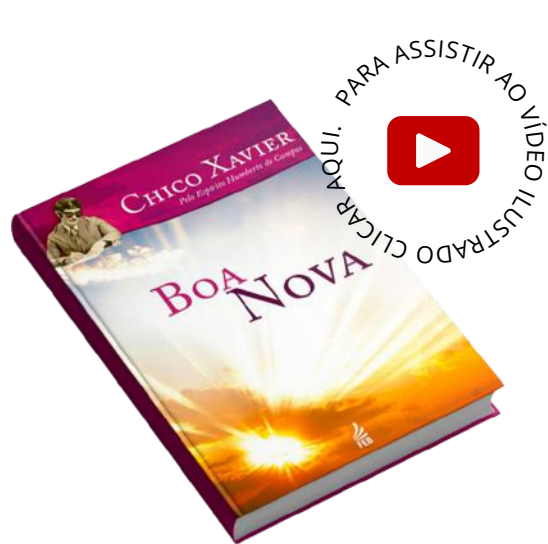
Que 2025 seja repleto de força moral e paz.

Doutrina Espírita Hoje



O Bom Ladrão

LILIANA HENRIQUES



“Alguns dias antes da prisão do Mestre, os discípulos, nas suas discussões naturais, comentavam o problema da fé, com o desejo desordenado de quantos se atiram aos assuntos graves da vida, tentando, apressadamente, forçar uma solução.”

Olhando para o título do capítulo, poderíamos pensar que Humberto de Campos irá desenvolver uma reflexão em torno da figura específica do bom ladrão, aquele que, crucificado ao lado de Jesus, não se revoltou, ao contrário de um outro, também presente, que blasfemou no momento doloroso da crucificação, segundo o Evangelho de S. Lucas. Mas o objeto de estudo deste capítulo não é essa figura do Novo Testamento, mas sim a Fé.

Este é um capítulo verdadeiramente desafiante, porque o autor espiritual propõe-nos uma reflexão em torno da fé um pouco mais profunda do que o habitual. Ele vai além das definições, centralizando-se na forma operante que a fé deve tomar e o que, verdadeiramente, a sustenta. O bom ladrão foi o último recurso ilustrativo e exemplificativo que Jesus recorreu para explicar ao discípulo Tomé o significado e o problema da manutenção da fé.

O PROBLEMA DA FÉ

A narrativa deste capítulo inicia-se uns dias antes da prisão de Jesus. Em suas discussões habituais, os discípulos comentavam entre si o problema da fé.

Entendiam-na, *à priori*, como *confiança em Deus*, mas questionavam:

Como será essa virtude? De que modo conservá-la-emos intacta no coração?

Somente o homem culto poderá compreender a extensão dos seus benefícios? Só os que desejam possuí-la, conseguem senti-la?

Propomos um breve preâmbulo em torno da fé, reunindo alguns conceitos, que nos

permitirão compreender, posteriormente, a proposta de Humberto de Campos.

Segundo Joanna de Ângelis, *“a fé expressa-se mediante a confiança que o Espírito adquire em torno de algo.”* [1] Esse algo pode estar associado a uma crença religiosa ou não. Mediante essa confiança, o Homem tem desenvolvido as potencialidades que traz no íntimo. A fé tem sido, por isso, a base do progresso humano. Ela tem sido “indispensável para uma conduta saudável, porquanto se faz bastão e alicerce para novos cometimentos mediante os quais o ser progride.” [2]

Joanna elucida que a fé se robustece *“com a experiência dos factos, tornando-se base dos comportamentos lógicos e das realizações significativas do pensamento e da ex-periência humana.”* Ela procede *“de experiências transatas, quando o Espírito enfren-tou situações e circunstâncias que foram experienciadas, deixando os resultados dos métodos utilizados para superá-las.*

Conhecendo os acontecimentos embora inconscientemente, o ser adquire confiança espontânea para os enfrentamentos que se apresentam por semelhança evocativos daqueles passados.” [3] As experiências diversas das reencarnações sucessivas, levando o Espírito a enfrentar e a superar diversas situações e desafios deixam no inconsciente o registo dessas vivências e dessas vitórias, imprimindo-lhe a confiança inata na alma, nomeadamente no campo religioso.

Por intermédio das diferentes experiências religiosas, o homem tem buscado a segurança e a harmonia íntimas, na jornada física, obtendo, igualmente, o vigor para a ação e a coragem ante as situações difíceis e os desafios.

Seguindo ainda o pensamento de Joanna [4], o fenómeno universal e intemporal da crença em Deus, independentemente do nome que se Lhe dê ou de como se O compreenda, faz da fé um fenómeno natural no ser humano. No entanto, difere da crença religiosa. Esta é o resultado de factores educacionais e mesológicos.

Dentro da mesma linha, Emmanuel diz-nos que *“acreditar é uma expressão de crença, dentro da qual os valores da fé se encontram embrionários.”* [5] Que valores são esses, é o que tentaremos compreender ao longo desta reflexão.

Joanna de Ângelis distingue a crença natural da religião que foi aprendida, no contexto familiar e cultural.[6] Ela explica que a fé pode ser natural e pode ser adquirida. [7]

A fé natural é espontânea, simples, destituída de reflexão ou de exigência racional. Esta definição remete-nos para o fenómeno universal, mesmo nas sociedades mais arcaicas, da crença em Deus, sendo esta crença natural o sentimento inato, o reflexo do arquétipo divino presente no íntimo da consciência espiritual.

A fé adquirida, segundo a autora espiritual, *“é conquista do pensamento que elabora razões para estabelecer os seus parâmetros e manifestar-se.”* [8]

Aqui, lembramos, automaticamente, as diversas doutrinas religiosas e filosóficas que expressam o pensamento do homem em torno do Divino, em conformidade com o seu nível de desenvolvimento intelecto-moral. O pensamento, à medida que se desenvolve vai interpretando os fenómenos que enfrenta, nomeadamente as próprias revelações espirituais recebidas por intermédio mediúnico e, desse modo, a fé vai-se estru-turando com o próprio pensamento.



"A fé pertence, sobretudo, aos que trabalham e confiam. Tê-la no coração é estar sempre pronto para Deus. Não importam a saúde ou a enfermidade do corpo, não têm significação os infortúnios ou os sucessos felizes da vida material. A alma fiel trabalha confiante nos desígnios do Pai, que pode dar os bens, retirá-los e restituí-los em tempo oportuno, e caminha sempre com serenidade e amor, por todas as sendas pelas quais a mão generosa do Senhor a queira conduzir."

Chico Xavier / Humberto de Campos (Espírito), Boa Nova, Cap. 28, 37.^a Edição, Brasília, FEB

Os fenómenos mediúnicos, sempre presentes na história do Homem, têm servido para fortalecer a confiança em Deus, a fé simples e natural. Mas a fé deverá *“apoiar-se na razão que perquire, no discernimento, para que não se expresse de maneira cega, levando ao delírio do absurdo ou à ingenuidade do período infantil.”* [9]

Então, a fé deverá acompanhar o desenvolvimento do pensamento, para que se amplie e amadureça, tornando-se capaz de orientar o homem na direção certa, facultando-lhe harmonia e a segurança íntimas.

O Espiritismo, apoiando-se no facto, comprovando a imortalidade do Espírito, oferece ao homem uma fé consciente, racional e robusta. Como afirmou Kardec: *“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”* [10]

CLARIFICAÇÃO DE JESUS

Voltando às dúvidas iniciais levantadas pelos discípulos, Jesus elucidou:

“A fé pertence, sobretudo, aos que trabalham e confiam. Tê-la no coração é estar sempre pronto para Deus. Não importam a saúde ou a enfermidade do corpo, não têm significação os infortúnios ou os sucessos felizes da vida material. A alma fiel trabalha confiante nos desígnios do Pai, que pode dar os bens, retirá-los e restituí-los em tempo oportuno, e caminha sempre com serenidade e amor, por todas as sendas pelas quais a mão generosa do Senhor a queira conduzir.” [11]

Temos, aqui, uma definição de fé com várias expressões e, simultaneamente, a génese do seu desenvolvimento.

A fé é resultado dos que *“trabalham e confiam”*. Ou seja, ao arquétipo divino inscrito na consciência humana, ao sentimento inato e universal da crença em Deus, é acrescentado o trabalho, as diversas experiências que lhe deixam no inconsciente registos que lhe dilatam todas as virtudes, que ele traz em germe dentro de si. O desenvolvimento espiritual dilata no ser imortal a amplitude e o poder da fé.

Como expressões da fé assinala-se:

1. Estar sempre pronto para Deus (disponível, cumprir a vontade divina, humildade);
2. Confiar nos desígnios do Pai (independentemente das circunstâncias temporais, pressupõe aceitação);
3. Caminhar sempre com serenidade e amor por todas as sendas;
4. Ser fiel: trabalhar sempre (confiando)...

A fé é *confiar* nos desígnios divinos em todas as circunstâncias. Essa confiança pressupõe a *certeza da Sua presença* permanente em nossas vidas, induzindo-nos à tranquilidade e segurança íntimas, mas também a uma *aceitação permanente da Sua vontade*, dos Seus desígnios, mesmo os que nos pareçam difíceis ou incompreensíveis, enfrentando-os com serenidade, colhendo na alma a aprendizagem que aquela experiência proporciona.

É inerente à fé nunca deixar de *trabalhar*, em qualquer circunstância. Nunca deixar de cumprir os deveres, de fazer o bem que as situações nos convidam, com confiança permanente. Pressupõe *cumprir sempre a Vontade Divina*, sendo esse esforço, uma qualidade inerente do filho Fiel e ao sentimento de humildade.

Perante esta explicação, Tomé interroga como discernir a vontade de Deus naquilo que nos acontece, distinguindo-a de outros acontecimentos que poderão ser decorrentes do nosso temperamento, vícios e ações?

Jesus clarifica:

“A vontade de Deus, além da que conhecemos acerca da sua lei e de seus profetas, por meio do conselho sábio e das inclinações naturais para o bem, é também a que se manifesta, a cada instante da vida, misturando a alegria com as amarguras, conhecendo a doçura ou retirando-a, para que a criatura possa colher a experiência luminosa no caminho mais espinhoso.” [12]

Identificamos a vontade divina por duas formas:

- por um lado, na sua Lei, ensinada pelos seus missionários, embora tenhamos de extrair deles a sua essência de sabedoria e de propensão ao bem;
- por outro lado, através dos acontecimentos da vida que não dependem da nossa ação ou do nosso controlo.

Nada acontece por acaso e todas as situações colocadas no nosso caminho são recursos para a nossa evolução espiritual.

Tanto as oportunidades que nos beneficiam e fortalecem, como os desafios da vida, na forma de expiação ou de prova, são recursos de aprendizagem, convites à quota de esforço que nos cabe cumprir para o nosso próprio desenvolvimento espiritual. E, por isso, Jesus finaliza a explicação a Tomé dizendo: *“Ter fé, portanto, é ser fiel a essa vontade, em todas as circunstâncias, executando o bem que ela nos determina e seguindo-lhe o roteiro sagrado, nas menores sinuosidades da estrada que nos compete percorrer.”* [13]

Tomé questiona, então, se a fé não será atributo dos espíritos mais cultivados. Ao que Jesus reforça a qualidade da lealdade na base de sustentação da fé: *“Todo o homem de fé será, agora ou mais tarde, o irmão dileto da sabedoria e do sentimento; porém, essa qualidade será sempre a do filho leal ao Pai que está nos céus.”* [14]

Perante esta resposta, coloca-se a última pergunta: quem possuirá no mundo lealdade perfeita como essa?

Ao que Jesus elucida que *“(...) se essa conquista da alma não é comum às criaturas de conhecimento parco ou de posição vulgar, é bem possível que a encontremos no peito exausto dos mais infelizes ou desclassificados do mundo.”* [15]

Compreender esta afirmação de Jesus é um desafio que se coloca. Kardec veio dar-nos a noção de fé raciocinada, como sendo a base de uma fé inabalável, em oposição à fé cega.



Humberto de Campos destaca o sentimento de lealdade como expressão máxima da fé e, simultaneamente, como base de sua sustentação. Ela é a base tanto para o cumprimento da vontade Divina, como para a aprendizagem possível nos momentos desafiantes. Tal significa que a fé precisa de ser vivida para crescer e se afirmar. Exteriorizando ideia semelhante, Joanna de Ângelis afirma que *“a fé amadurece através da conduta que propõe (...)”* [16]

Concluímos, então, que a fé deverá ser operante, deverá realizar obras, sendo as

mais preciosas a transformação da vibração íntima e dos sentimentos.

De todas as transformações íntimas, num processo que é progressivo, a lealdade à vontade divina, a lealdade ao cumprimento dos deveres que a nossa consciência identifica, mediante todos os sacrifícios, é a expressão máxima da fé. Lembramos, aqui, as palavras de Jesus, segundo o Evangelho de S. Mateus (7: 21.): *“Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai (...)”* [17]

Recordamos, nesta fase da reflexão, duas personagens do livro *Paulo e Estevão*, como representantes de níveis diversos de fé: o pai de Estevão e o próprio Estevão.

O primeiro era um homem crente em Deus e na Lei ensinada nos livros sagrados; no entanto a sua fé, ainda limitada pelo orgulho e pouca maturidade espiritual, não foi suficiente para, num momento crucial da sua vida, discernir e decidir adequadamente, em conformidade com a Vontade Divina, o que lhe intensificou a prova derradeira daquela existência material. Não foi capaz de ser o filho leal (a Deus).

Estevão, ao contrário, deu o exemplo, em vários momentos da sua vida de uma lealdade impoluta e amadurecida, capaz de enfrentar todas as provas com a lucidez e a lealdade do filho fiel.

A lealdade à vontade divina está intimamente vinculada ao desenvolvimento do sentimento de humildade. Deste modo, o coração deve ser trabalhado, como a terra deve ser lavrada para receber a semente, adquirindo as condições à sua germinação. O que é trabalhar o coração? É limpá-lo dos tóxicos do egoísmo e do orgulho, sendo o sofrimento, muitas vezes, o recurso eficaz a esse processo, o chamamento da alma a um novo rumo, o despertador e a preparação da consciência para novas noções da vida.

ILUSTRAÇÃO DO ENSINAMENTO

A racionalidade de Tomé não foi suficiente para compreender a Justiça e a Bondade Divinas, perante tudo o que aconteceu a Jesus (o seu martírio, a crucificação, a ingratidão de seus beneficiados e a fuga dos companheiros), dias depois.

Nas suas reflexões dolorosas, parecia-lhe que praticar o mal compensava mais.

Esta é uma percepção que temos muitas vezes, ainda hoje, quando interpretamos os acontecimentos pelo ponto de vista da vida material. Este era o raciocínio doloroso de Tomé: Valeria a pena praticar o Bem?

Quem teria sido mais leal do que Jesus?

Na hora da crucificação, Tomé, disfarçado, acompanhou, com emoção penosa o corajoso Messias. Acompanhou detalhadamente o seu exemplo, naquela hora do testemunho supremo.

Contudo, a sua racionalidade não era suficiente para compreender o significado espiritual daqueles acontecimentos, que o magoavam, pois parecia-lhe uma incompreensível injustiça Divina.

À sua mente afloravam questões dolorosas, que são as mesmas, em todos os tempos, dos espíritos que analisam os acontecimentos à luz parcial dos breves instantes terrenos e não à luz ampla da realidade espiritual e do seu desenvolvimento.



“Possuído de viva emoção, Tomé se pôs a chorar intimamente. Foi então que presumiu escutar uns passos delicados e quase imperceptíveis. Sem poder explicar o que se dava, julgou divisar, a seu lado, a inolvidável figura do Mestre, que lhe colocou as mãos leves e amigas sobre a fronte atormentada, repetindo-lhe ao coração as palavras que lhe havia endereçado da cruz:

— Vês, Tomé? Quando todos os homens da lei não me compreenderam e os próprios discípulos me abandonaram, eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!... ”

“Onde estava aquele Deus amoroso e bom, sobre quem repousavam as suas esperanças? Seu amor possuiria apenas uma cruz para oferecer ao filho dileto?

Por que motivo não se rasgavam os horizontes, para que as legiões dos anjos salvassem do crime da multidão inconsciente e furiosa o Mestre amado? (...)” [18]

De repente, lembra-se da conversa tida com o Mestre em torno do problema da fé e da perfeita lealdade a Deus, continuando a não entender, como essas lições se relacionavam com aqueles acontecimentos tão injustos. É nesse contexto íntimo que Jesus oferece-lhe, então, a derradeira ilustração das suas lições...

“Nesse instante, percebeu que a voz débil do celerado se elevava para o Mestre, em tom de profunda sinceridade:

- Senhor! (...) lembra-te de mim, quando entrares no teu reino!...

O discípulo reparou que Jesus lhe endereçava, então, o olhar caricioso, ao mesmo tempo que aos seus ouvidos chegavam os ecos de sua palavra suave e esclarecedora:

- Vês, Tomé? Quando todos os homens da lei não me compreenderam (Razão fria) e quando os meus próprios discípulos me abandonaram (sentimento frágil), eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!...” [19]

Tomé medita horas a fio, naquela última lição, até que penetra na essência profunda dos seus ensinamentos...

Vê-se como que transportado ao cume de um monte e vê desfilar várias figuras humanas, como que paradigmas do comportamento humano em sua fragilidade espiritual.

Perante esta reflexão, Tomé chora de emoção...

Quando lhe pareceu ver Jesus a seu lado, repetindo as suas últimas palavras, em que destacamos a última parte: “(...) eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!...”

Aquele ladrão reconhecia em Jesus um missionário divino, uma alma elevada.

Aceitava humildemente a sua própria condenação, pois sabia que a merecia. Acreditava nos ensinamentos do Mestre e confiava a sua alma ao seu amparo bondoso, quando penetrasse a vida maior. Oferecia, assim, aos discípulos de todos os tempos, o paradigma da verdadeira fé: aceitação, humildade, confiança. Parecia compreender mais profundamente a realidade espiritual e a Bondade Divina do que os próprios discípulos de Jesus, talvez porque aquele momento específico e todas as experiências anteriores tivessem contribuído para trabalhar a sua alma, personificando “o peito exausto dos mais infelizes ou desclassificados do mundo.”

O ladrão, quaisquer que fossem os seus erros anteriores, naquele instante, tinha exemplificado a verdadeira Fé.



Tinha demonstrado a lição de Jesus, que a fé nasce na sensibilidade trabalhada pela dor e concretiza-se nas reações e ações de cada dia e na transformação das vibrações íntimas.

Nós somos, também, dos beneficiados por Jesus, em nossas próprias misérias e enfermidades, sobretudo morais e, a exemplo do bom ladrão, podemos alçar as nossas almas nos momentos supremos do testemunho, venha este na expressão da dor, da contrariedade, do trabalho ou da solidão.

Podemos, nesses instantes, garantir a pre-

sença firme e consoladora de Mestre, se permanecermos confiantes nos desígnios Divinos e leais aos nossos deveres.

Este deverá ser o roteiro daquele que pretende fortalecer a sua fé: ser fiel aos deveres, ser leal à vontade Divina, confiando sempre.

A fé raciocinada, que o Espiritismo nos facultta, ajuda-nos a permanecermos serenos e confiantes nas leis divinas, mas essa confiança deverá ser vivida em cada momento, para crescer e se fortalecer, como conquista guardada no íntimo do ser, como vínculo estreito e inquebrável entre o filho e o Pai.

Concluimos esta reflexão com palavras de Emmanuel, que nos pareceram muito oportunas, resumindo integralmente a interpretação do cap. 28 de “Boa Nova”, aqui tentada segundo as nossas possibilidades.

Atevemo-nos a afirmar que a própria reflexão, aqui expressa, dá-nos maior possibilidade de compreendermos, igualmente, as palavras de Emmanuel.

“Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas afirmar: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.” [20]

BIBLIOGRAFIA:

- [1] Divaldo P. Franco/ Joanna de Ângelis (Espírito), “Poder da Fé”, in Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda, 2ª Edição, Salvador, Leal.
- [2] Idem.
- [3] Divaldo P. Franco/ Joanna de Ângelis (Espírito), “Poder da Fé”, in Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda, 2ª Edição, Salvador, Leal.
- [4] Divaldo P. Franco, Joanna de Ângelis (Espírito), “Fé e Religião”, in Em Busca da Verdade, Cap. 9- Busca Interior, 1ª Edição, Salvador, Leal.
- [5] Francisco C. Xavier/Emmanuel (Espírito), O Consolador, Q. 355, 25ª Edição, RJ, Feb.
- [6] Divaldo P. Franco, Joanna de Ângelis (Espírito), “Fé e Religião”, in Em Busca da Verdade, Cap. 9- Busca Interior, 1ª Edição, Salvador, Leal.
- [7] Divaldo P. Franco/ Joanna de Ângelis (Espírito), “Poder da Fé”, in Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda, 2ª Edição, Salvador, Leal.
- [8] Idem.
- [9] Divaldo P. Franco/ Joanna de Ângelis (Espírito), “Poder da Fé”, in Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda, 2ª Edição, Salvador, Leal.
- [10] Allan Kardec, “Fé Religiosa. Condição da fé inabalável”, in O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XIX, Tradução da 3ª edição francesa, RJ, Feb.
- [11] Chico Xavier /Humberto de Campos (Espírito), Boa Nova, Cap. 28, 37ª Edição, Brasília, Feb.
- [12] Chico Xavier /Humberto de Campos (Espírito), Boa Nova, Cap. 28. 37ª Edição, Brasília, Feb,
- [13] Idem.
- [14] Idem.
- [15] Idem.
- [16] Divaldo P. Franco/ Joanna de Ângelis (Espírito), “Poder da Fé”, in Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda, 2ª Edição, Salvador, Leal.
- [17] Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Tradução da 3ª edição francesa, RJ, Feb.
- [18] Chico Xavier /Humberto de Campos (Espírito), Boa Nova, Cap. 28, 37ª Edição, Brasília, Feb,
- [19] Idem.
- [1] Francisco C. Xavier/Emmanuel (Espírito), O Consolador, Q. 354, 25ª Edição, RJ, Feb.



Pode assistir ao trabalho através do canal de youtube da FEC

A hand is shown in silhouette, reaching down from the top left towards a bright sun that is low on the horizon over the ocean. The sky is filled with soft, golden clouds, and the water reflects the light. The overall mood is serene and contemplative.

Sou médium...

*...terá influência o
Espírito pessoal do
médium?*

JULIETA BARBOSA

Sabendo que os Espíritos têm preferência por certos médiuns intuitivos, poderíamos perguntar se também a têm por médiuns mecânicos?

Não podemos esquecer o papel que desempenha o médium. O Espírito para produzir o movimento de um corpo inerte, necessita utilizar-se de uma parcela de fluido animalizado do médium para, momentaneamente, animar um corpo inerte, a fim de que este obedeça à sua vontade. Por analogia, compreendemos que para uma comunicação inteligente, o Espírito necessita de um intermediário inteligente, e, esse intermediário, será o Espírito do médium.

À priori, parece não haver aplicação no caso de mesas falantes, uma vez que os objetos dão respostas inteligentes e o Espírito do médium parece-nos não tomar parte. É um erro. De facto, o Espírito pode dar uma vida fictícia momentânea ao corpo inerte, todavia, jamais lhe poderá dar inteligência. É o Espírito do médium quem recebe, ainda que a seu mau grado, o pensamento e o transmite, sucessivamente, com o auxílio de diversos intermediários.

E o Espírito do médium, nunca é completamente passivo?

É passivo, quando não mistura as suas ideias com as do Espírito que se comunica; mas, nunca é inteiramente nulo. A sua participação, como intermediário, é sempre indispensável, mesmo tratando-se de médiuns mecânicos.

Pensando no médium mecânico e no médium intuitivo, poderia surgir a questão em qual deles haverá uma maior garantia de independência? Os Espíritos esclarecem-nos que para certas comunicações é preferível um médium mecânico. Todavia, conhecendo-se as faculdades de um médium intuitivo, torna-se indiferente e será de acordo com as circunstâncias, isto é, há comunicações que exigem menos precisão.

Uma outra questão importante diz respeito à linguagem dos Espíritos. De facto, eles não têm a linguagem articulada; têm sim e apenas, a linguagem do pensamento. Assim, um Espírito poderia exprimir-se, por via mediúnica, numa língua que ele nunca falou enquanto encarnado. Neste caso, de onde tira as palavras que usa? O Espírito errante quando se dirige ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala em francês ou inglês, fala sim, a língua universal que é a do pensamento. No entanto, para exprimir as suas ideias numa língua articulada, o Espírito usa as palavras do vocabulário do médium, que lhe são familiares, porque assim apresenta menos dificuldades a vencer.

A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua desconhecida, não significa ter lhe sido familiar numa existência anterior. Não é regra. O Espírito pode ultrapassar o esforço que encontra; como acontece com o médium que escreve na sua língua, palavras que desconhece.

BIBLIOGRAFIA:

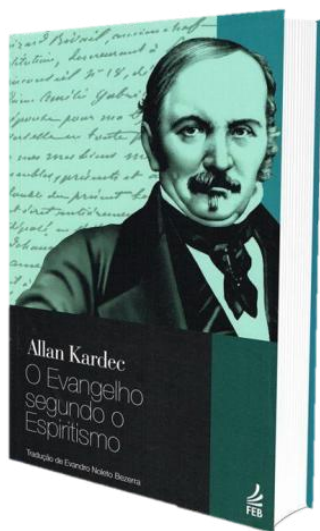
Allan Kardec, "O Livro dos Médiuns", 2.ª Parte, Cap. XIX, Itens 226 e 227



Momentos de Reflexão

*O Bom
Samaritano*

TERESA CARROLA



Então levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar:

- Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus:

- Que é o que está escrito na lei? Que é o que vês nela?

Ele respondeu:

- Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo.

Disse-lhe Jesus:

- Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

Mas o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus:

- Quem é o meu próximo?

Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

- Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semi-morto.

Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante.

Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante.

Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão.

Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele.

No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões?

O doutor respondeu:

- Aquele que usou de misericórdia para com ele.

- Então, vai - diz Jesus - e faze o mesmo. (S.Lucas)

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. II)

A palavra Salvação utilizada por Kardec neste capítulo do livro "O Evangelho segundo o Espiritismo" tem um sentido mais psicológico do que religioso, uma vez que diz respeito a uma mudança de atitude psíquica. Trata-se de estabelecermos um estado de espírito que possibilite a apreensão das leis de Deus e a aprendizagem de superarmos a sombra que existe dentro de nós.

Aprendemos nestas duas parábolas que podemos saber todos os mandamentos mas é com bons sentimentos que conseguimos a paz de consciência dentro de nós próprios. Não basta memorizar os textos das Escrituras, como o doutor em teologia da parábola que, apesar de saber os mandamentos, não tinha tranquila a consciência quanto ao modo de alcançar a vida eterna.

A ação da caridade sobre o próximo é uma tarefa fundamentada no amor que atinge principalmente aquele que a executa. E o próximo é todo aquele que necessita dos nossos serviços, da nossa palavra, dos nossos cuidados, do nosso auxílio.

O amor a Deus impele-nos ao nosso melhoramento moral. Porque o amor cresce com a moral e a inteligência e harmoniza os nossos interesses materiais e espirituais, fazendo-nos ver as coisas sob um prisma diferente e elevarmo-nos acima da matéria.

Quem conseguir albergar o verdadeiro amor no coração irá sempre auxiliar o seu próximo, seja ele quem for, como tudo o que lhe for possível auxiliar: seja com dinheiro, seja moralmente ensinando os que não sabem, doando afecto e des-cerrando os olhos do próximo para a realidade da vida eterna, onde o espírito sobrevive ao corpo, onde a vida sucede à morte física, onde a palavra de Jesus triunfa entre os preceitos religiosos e os preconceitos da sociedade.

A nós, não basta apenas sermos Espíritas, mas sim sermos exemplo para os outros através da nossa vivência da lei de amor e fraternidade, socorrendo o próximo sem indagar àcerca da sua crença ou nacionalidade. Todos somos irmãos - é necessário que nos unamos, nos auxiliemos e confraternizemos, libertando o coração do egoísmo. Quando houver suficiente número de pessoas capazes de amar o semelhante, edificando-o com incansáveis exemplos de virtude, o mal será definitivamente banido do nosso planeta. Esta é a grande revolução iniciada por Jesus e que pede as armas da compreensão, da tolerância, da benevolência, da renúncia - as armas da caridade.

A Caridade não é apenas uma atitude externa ou um acto isolado mas sim, e principalmente, um estado de espírito, uma atitude psíquica, uma predisposição para uma atitude mais elevada. É fruto do amor e está na base de todas as virtudes. Possibilita-nos ver nos outros aquilo que eles necessitam, deprendermo-nos de nós mesmos e, entrando em contacto com a nossa essência divina, doarmo-nos incondicionalmente. Este sentimento diminui o poder do Ego e estimula o processo de desenvolvimento espiritual.

Por outro lado, a Caridade como atitude externa pode funcionar como um disfarce para a satisfação do desejo de reconhecimento e destaque daquele que a pratica.



À medida que o tempo avança e vamos entendendo a fé raciocinada facultada pela Doutrina Espírita, o nosso ponto de vista sobre o conceito da vida terrena e espiritual vai mudando. Vamos também sentindo cada vez mais a necessidade de termos paz, sentido simultaneamente o nosso coração ampliar-se, a repararmos mais nos outros, a querermos entender melhor os nossos desafectos. Vamos, assim gradualmente, enfraquecendo o egoísmo que é a causa primeira das nossas quedas, alargando o nosso sentimento para a grande dimensão da vida e para os outros que estão à nossa volta. Ocupando-nos mais com eles, pensaremos menos em nós e, deste modo, abaixaremos o nosso personalismo.

Até ao presente, a Humanidade já alcançou progressos intelectuais incontestáveis a nível da ciência, das artes e do bem-estar material.

Através das várias épocas, a Humanidade tem igualmente vindo a melhorar os seus costumes e as suas leis. Existem já vários movimentos humanitários e ecológicos, várias tentativas de reformas úteis que se têm vindo a espalhar entre os povos . No entanto, a Humanidade tem ainda que progredir moralmente para que possa reinar a caridade, a fraternidade, a solidariedade e assegurar o bem-estar moral e social em todo o globo. A caridade e a fraternidade serão a pedra angular da nova ordem social, mas a caridade assente numa fé inabalável, não já uma fé dogmática, mas a fé assente nos princípios fundamentais que a Doutrina Espírita faculta: a fé em Deus, na alma imortal, no progresso individual, na perpetuidade das relações entre os seres.

BIBLIOGRAFIA:

Allan kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. II - item 4

Clube de Leitura



TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

ZAIDA ADÃO

O livro *Transição Planetária*, ditado pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda (MPM) a Divaldo Franco, é o primeiro de uma quadrilogia (tetralogia) de obras dedicadas ao período de transição do planeta terra para uma nova era.

A primeira edição do livro *Transição Planetária* foi lançada em 2010, e poderemos dizer que se trata de um importante marco da literatura espírita moderna por abordar o *tsunami* ocorrido no oceano Índico em 2004 e que abalou o planeta Terra, física e moralmente, devido à magnitude do

fenômeno natural, revelando a incapacidade de ação do homem perante as ações da natureza.

A proximidade temporal, entre a ocorrência do evento terrestre e a informação sobre os acontecimentos no mundo espiritual, fornecida por MPM, traz a cada um de nós uma maior oportunidade de compreensão sobre o processo de transição do planeta Terra, do qual todos fazemos parte.

Mas esta obra não incide exclusivamente sobre o flagelo do tsunami, e podemos mesmo dividi-la em três momentos diferentes.

Num **primeiro momento** temos a descrição pormenorizada sobre os processos de auxílio, do mundo espiritual, às vítimas do tsunami. A necessidade de ocorrência des-tes cataclismos naturais, como ocorre o socorro às vítimas e a vulnerabilidade de cada um à influência espiritual não benéfica, o amor enquanto linguagem universal que une todas as religiões são apenas algumas das lições abordadas por MPM.

"As dores que defluem desses fenômenos denominados como flagelos destruidores, objetivam fazer a Humanidade progredir mais depressa."

O auxílio e presença constantes dos benfeitores espirituais junto do planeta Terra e dos espíritos encarnados é uma mensagem constante neste livro.

O processo de ajuda na transição planetária através da reencarnação de espíritos mais evoluídos, provenientes da "constelação do Touro, particularmente de uma das Plêiades", detalhado nos capítulos inter-médios, podemos definir como o **segundo momento** desta obra.

O **terceiro momento** deste livro incide sobre a influência de espíritos inferiores nos espíritos encarnados e instituições terrenas dedicadas ao bem, nomeadamente no seio do movimento espírita, assim como as ações de auxílio das equipas de socorro espiritual.

A influência dos espíritos inferiores sobre os espíritos encarnados contribui para os seus desequilíbrios morais e espirituais, interferindo na sua marcha de progresso.

No entanto, *"os verdadeiros adversários se encontram desvelados nos rincões escuros de cada alma."*

Não foi, por outra razão, que Jesus acentuou a responsabilidade de cada um, quando informado da sua imortalidade e dos legítimos valores que dignificam e libertam a consciência. Por sua vez, o Espiritismo veio para despertar o ser para a vivência dos postulados nobres que se apresentam como as virtudes tradicionais, ampliadas pelas realizações de elevação moral e comportamental."

Esta é uma obra atual e importante para a reflexão sobre o momento em que o planeta se encontra e qual o nosso papel neste caminho para uma nova era. Tomarmos consciência da nossa responsabilidade enquanto espírito encarnado, de como podemos evoluir e como a transição começa em nós, em cada pensamento, em cada ato, em cada escolha.

"Jesus permanece o sublime Amigo e Mentor, nosso Guia e Modelo desde os primórdios, conduzindo-nos pelo rumo da felicidade e edificando o Reino de Deus no âmago de nossos corações. Nada obstante, a cada um de nós cabe a definição dos roteiros a seguir."

BIBLIOGRAFIA:

(1) Manoel Philomêno de Miranda (Espírito), "Transição Planetária", psicografado por Divaldo Pereira Franco, Salvador, LEAL, 1ª ed, 2010





"(...) Vive-se, na Terra, o momento da grande transição de mundo de provas e de expiações, para mundo de regeneração.

As alterações que se observam são de natureza moral, convidando o ser humano à mudança de comportamento para melhor, alterando os hábitos viciosos, a fim de que se instalem os paradigmas da justiça, do dever, da ordem e do amor.

(...) Equipes de apóstolos da caridade no plano espiritual também descem ao planeta sofrido, a fim de contribuir em favor das mudanças que devem operar-se, atendendo aqueles que se encontram excruciados pela desencarnação violenta, inesperada, ou padecendo o jugo de obsessões cruéis, ou fixados em revolta injustificável, considerando-se adversários da Luz, membros da sanha do Mal, afim de melhorar a psicossfera vigente, desse modo, facilitando o trabalho dos Mensageiros de Jesus.

Na presente obra, apresentamos três fases distintas, mas que se interpenetram, em torno do trabalho a que fomos convocado, mercê da compaixão do Amor, de modo a acompanharmos as ações de enobrecimento de dignos e valorosos Benfeitores, vinculados ao programa em desenvolvimento a respeito da transição planetária que se vem operando desde há algum tempo...

(...) em todos os momentos, procuramos demonstrar a providencial misericórdia de Jesus, sempre atento com os Seus mensageiros a todas as ocorrências planetárias, minimizando as aflições humanas e abrindo espaço ao dia radioso de amanhã, que se aproxima, rico de bênçãos e de plenitude."

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito), "Transição Planetária", psicografado por Divaldo Pereira Franco, Salvador, LEAL, 1ª ed, 2010

ESPAÇO JOVEM



REPORTAGEM FOTOGRÁFICA



LIS MARA E CÉLIA GALEGO



PARABÉNS DIJ

PARA VER O VÍDEO CLICAR AQUI



🎉👨👩👧👦 Para celebrar o 38.º Aniversário do DIJ foi realizada uma atividade diferente e especial. Pais e Filhos, de forma alegre e criativa, desenharam diferentes postais de Natal para serem oferecidos às famílias assistidas pela Associação Auxílio e Amizade, enfeitando de ternura e carinho os seus cabazes de alimentos.

PARA VER O VÍDEO CLICAR AQUI



associação
AUXÍLIO & AMIZADE



Convidamos todos os elementos do DJJ - Crianças, Jovens, Pais e Monitores - a estarem presentes nas instalações da Associação Auxílio e Amizade (que é uma Instituição de Solidariedade Social, fundada por sócios e colaboradores da FEC).

Com o coração ligado à AAA, observámos o magnífico presépio de Natal cheio de detalhes e decorámos uma árvore de Natal, em conjunto.

Foi uma tarde divertida, repleta de sorrisos e ternura!

★ Agradecemos a presença de todos que tornaram esta comemoração muito especial!





🌟 Relembrando a ternura e alegria do Natal, o DJJ idealizou uma atividade diferente para celebrar esta época tão especial. O Conto de Natal foi apresentado através de uma pequena peça teatral realizada pelos alunos do Grupo da Juventude, do DJJ da FEC.

PARA VER O CONTO DE NATAL CLICAR AQUI



Efemérides

ANA ALEXANDRA HENRIQUES

LUIZ OLIMPIO GUILLON RIBEIRO

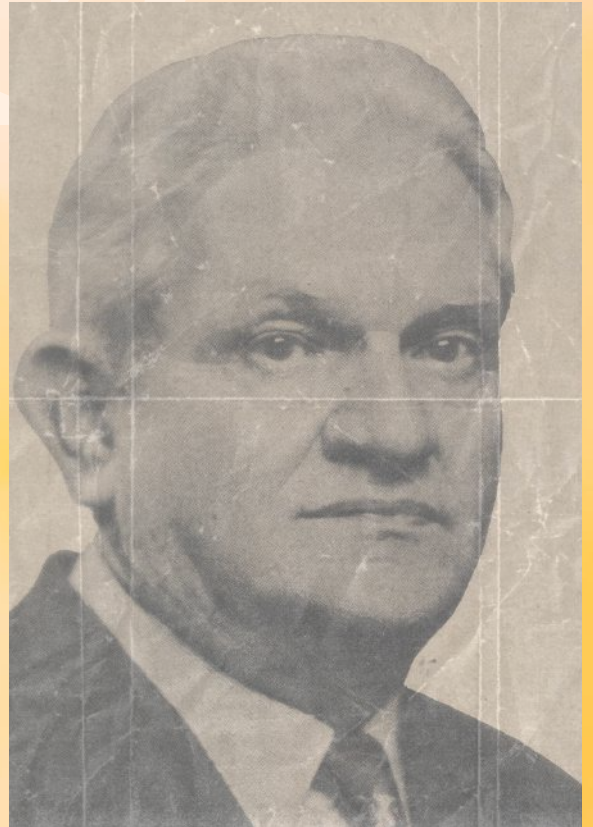
Nasceu no Estado do Maranhão, a 17 de janeiro de 1875, filho de pais pobres, órfão de pai aos 7 anos, acabou por chegar ao Senado Federal com o cargo de Diretor Geral da Secretaria do Senado.

Foi um defensor e divulgador incansável da Doutrina Espírita estando envolvido no movimento espírita em várias frentes, entre elas: Presidente da Federação Espírita Brasileira e Diretor dessa Entidade durante vinte e seis anos consecutivos, tendo exercido quase todos os cargos.

Traduziu para português quase todos os livros da obra básica da Doutrina Espírita: *"O Evangelho segundo o Espiritismo"*, *"O Livro dos Espíritos"*, *"O Livro dos Médiuns"*, *"A Gênese"*, *"O que é o Espiritismo"* e *"Obras Póstumas"*.

Traduziu ainda livros de Pietro Ubaldi, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Arthur Conan Doyle, entre muitos outros.

Além de todo esse trabalho, Guillon Ribeiro ainda escreveu seus próprios livros: *"Jesus, Nem Deus Nem Homem"*, *"Espiritismo e Política"*, *"A Mulher"*, *"A Federação Espírita Brasileira"*. Foram ainda publicados diversos artigos seus no *"Reformador"* e na Imprensa Espírita. Faleceu no dia 26 de outubro de 1943 no Rio de Janeiro.



"É imperioso se reconheça na evangelização das almas tarefa da mais alta expressão na atualidade da Doutrina Espírita. Bem acima das nobilitantes realizações da assistência social, sua ação preventiva evitará derrocadas no erro, novos desastres morais, responsáveis por maiores provações e sofrimentos adiante, nos panoramas de dor e lágrimas que compungem a sociedade, perseguindo os emolumentos da assistência ou do serviço social, públicos e privados. Evangelizemos por amor!

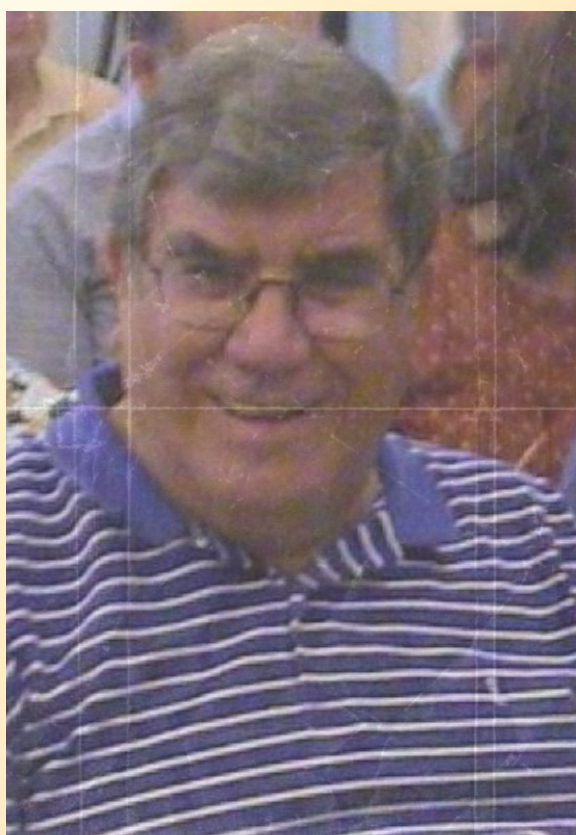
(...) E não tenhamos dúvidas de que a criança e o jovem evangelizados agora serão, indubitavelmente, aqueles cidadãos do mundo, conscientes e alertados, conduzidos para construir, por seus esforços próprios, os verdadeiros caminhos da felicidade na Terra." - Guillon Ribeiro

(Página recebida em 1963, durante o 1.º Curso de preparação de evangelizadores – CIPE, realizado pela Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, pelo médium Júlio César Grandi Ribeiro / Revista Reformador - Outubro de 1982).

DIA INTERNACIONAL DA FRATERNIDADE HUMANA

O “Dia Internacional da Fraternidade Humana” é celebrado anualmente a 4 de fevereiro. Foi proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 21 de dezembro de 2000, através da Resolução 75/2001. O objetivo deste dia é promover a tolerância cultural e religiosa, além de incentivar o diálogo e a compreensão entre diferentes culturas e religiões.

A celebração inclui eventos em que participam Estados-membros da ONU, líderes religiosos e representantes da sociedade civil. Também é uma oportunidade para reconhecer as contribuições de indivíduos e organizações que promovem a fraternidade humana, como o Prémio Zayed para a Fraternidade Humana.



ADRIANO JOSÉ DA FONSECA BARROS

Nasceu em Lisboa a 17 de março de 1934. Bem ajustado na vida, nada dado a angústias e de fácil convivência, procurou desde cedo estar ligado às várias áreas que faziam vibrar a sua alma, desde as artes à solidariedade social. Um problema de saúde levou-o a conhecer a Doutrina Espírita na antiga Associação de Beneficência Fraternidade, acabando por colaborar, em 1975, no ressurgimento da Fraternidade Esotérica que é hoje a Fraternidade espírita Cristã, tornando-se Presidente do Conselho Diretor, assumindo essa responsabilidade até ao ano do seu desencarne em 2004. Durante os 29 anos do seu mandato, foram muitos os colaboradores que, alimentados pelo seu carinho, orientação e constante incentivo, desenvolveram muito do trabalho inovador na divulgação da Doutrina Espírita através da arte, da educação, da promoção da união no movimento espírita e da fraternidade ativa com os mais necessitados.

O desencarne chegou de surpresa, no final das férias que passava junto ao mar, na madrugada do dia 24 de Agosto de 2004.

Terminou assim, uma existência de setenta anos, trinta e quatro dos quais sempre ao serviço dos Homens e de Jesus.

Quem o conheceu tem sempre as mesmas palavras para lhe dirigir:

Obrigado, ADRIANO BARROS. Até qualquer dia. Até Sempre!

Horários

Ano Letivo 2024/2025

2.ª Feira | Estudos Espíritas (presencial)

Estudos da Doutrina Espírita
"À conquista do Homem de Bem"
das 19h30 às 21h
Receção - 18h30 às 21h

3.ª Feira - Integração no Centro Espírita

Acolhimento de novos frequentadores -
Atendimento individual com marcação
prévia através do número 218 821 043
das 16h às 19h
Receção - 16h30 às 19h

4.ª Feira - Estudo Doutrinário "Revisitando Kardec"

Palestra pública das 20h às 21h
Passe após a palestra
(exclusivo para quem assiste à palestra)
Receção - 18h30 às 21h

5.ª Feira - Assistência Espiritual

Assistência Espiritual - Passe - 17h e 19h
Estudos Espíritas - Iniciação - Iniciação ao
estudo da Doutrina Espírita - das 20h às 21h
(presencial)
Receção - 16h às 20h

Sábado - Estudos Espíritas para crianças e jovens - dos 3 aos 21 anos de idade (presencial*)

14h30 às 18h

- Receção

15h às 15h30

-Assistência Espiritual (Passe)

-Integração no Centro Espírita - acolhimento
de novas crianças e jovens

15h45 às 16h45

-Aulas de Evangelização - Maternal (3 e 4
anos) e Jardim (5 e 6 anos)

-Expressão Plástica

15h45 às 16h50

-Curso para Pais:

"Desafios da Vida em família"

(destinado aos Pais que inscreveram os seus
educandos no DIJ)

16h45 às 17h

-Lanche

17h às 17h50

-Aulas de Evangelização - 1.º Ciclo Infância (7
e 8 anos), 2.º Ciclo de Infância (9 a 11 anos),
3.º Ciclo de Infância (12 a 14 anos),
Juventude (15 a 21 anos)

*Videoconferência para quem reside fora da área metropolitana
de Lisboa

A LIBERTAÇÃO

N.º 165 - Ano XL
janeiro/fevereiro/março 2025

Nome do Proprietário e Editor
Fraternidade Espírita Cristã
Morada Sede do Proprietário e Editor,
Redação e Impressão
Rua do Vale Formoso de Cima, n.º 97 A
1950-266 Lisboa, Portugal
N.º de Contribuinte 501 091 670
N.º de Registo na ERC 109883
N.º de Depósito Legal 10.284/85
ISBN 0871 - 4274

Periodicidade Trimestral
Tiragem 500 exemplares

DIREÇÃO

Maria Emília Barros

COLABORADORES

Ana Alexandra Henriques
Carmo Almeida
Julieta Barbosa
Liliana Henriques
Teresa Carrola
Zaida Adão

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Célia Galego
Lis Mara

REALIZAÇÃO

Paginação e Design Gráfico - Paula Alcobia
Graça
Banco de Imagens - Pixabay



www.fec.pt



FEC Fraternidade Espírita Cristã



fecfuturo.blogspot.com



fec_portugal



fecportugal



Clube de Leitura da FEC

FRATERNIDADE ESPÍRITA CRISTÃ

WWW.FEC.PT

YOUTUBE | FACEBOOK | INSTAGRAM | BLOG